

RELATIVISMO CLÁSSICO LINGÜÍSTICO: SEU PERCURSO TEÓRICO DIRECIONADO A ALGUMAS QUESTÕES DO PROCESSO DE TRADUÇÃO INTERLINGUAL

CLASSICAL LANGUAGE RELATIVISM: ITS THEORETICAL PATH
TOWARDS SOME QUESTIONS OF THE INTERLINGUAL
TRANSLATION PROCESS

RELATIVISMO CLÁSICO LINGÜÍSTICO: SU RECORRIDO TEÓRICO
DIRECCIONADO A ALGUNAS CUESTIONES DEL PROCESO DE
TRADUCCIÓN INTERLINGUAL

*Thyago José da CRUZ**
*Elizabete Aparecida MARQUES***

Resumo: Este artigo propõe analisar e relacionar alguns pontos do relativismo clássico linguístico – desde as suas ideias iniciais advindas dos pensamentos de Herder até chegar à sua versão mais determinista de Benjamin Lee Whorf – com vistas a discutir algumas questões do processo de tradução interlingual. Para tanto, planteamos um percurso teórico que se iniciará por aquele pesquisador, passando posteriormente por Humboldt, Sapir e, por fim, Whorf. Não é objetivo do trabalho, neste momento, discutir pontos mais específicos da teoria da tradução, contudo, esta será nosso norte para discutir o percurso do relativismo linguístico. Esperamos que as questões aqui levantadas e as relações estabelecidas possam ser mais uma via de discussão aos que se dedicam aos estudos e a prática de tradução.

Palavras-chave: Relativismo Linguístico; Percurso Teórico; Tradução Interlingual.

Abstract: This article proposes to analyze and relate some points of classical language relativism – since its initial ideas from Herder thoughts to its more deterministic version of Benjamin Lee whorf - intending to discuss some issues of the interlingual translation process. Therefore, we propose a theoretical course that begins with that researcher, passing later to Humboldt, Sapir and finally Whorf. It is not a goal of the paper, in this moment, to discuss more specific points of translation theory, however, this will be our reference to discuss the course of linguistic relativism. We hope that the issues raised by this paper and the relations established may be another way of discussion for those who dedicate themselves to the studies and practice of translation.

* Doutorando pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: tjdoms@hotmail.com.

** Doutora pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: emarques@hotmail.com.

Keywords: Linguistic relativism; Theoretical path; Interlingual translation.

Resumen: Este artículo propone analizar y relacionar algunos puntos del relativismo clásico lingüístico – desde sus ideas iniciales advenidas de los pensamientos de Herder hacia llegar a su versión más determinista de Benjamin Lee Whorf – con objetivo de discutir algunas cuestiones del proceso de traducción interlingual. Para eso, planteamos un recorrido teórico que se iniciará por aquel investigador, pasando posteriormente a Humboldt, Sapir y, por fin, Whorf. No es objetivo del trabajo, en este momento, discutir puntos más específicos de la teoría de la traducción, sin embargo, esta será nuestro norte para discutir el trayecto del relativismo lingüístico. Esperamos que las cuestiones aquí levantadas y las relaciones establecidas puedan ser más una vía de discusión a los que se dedican a los estudios y la práctica de traducción.

Palabras clave: Relativismo Lingüístico; Recorrido Teórico; Traducción Interlingual.

Introdução

Há alguma relação existente entre a linguagem, o pensamento, a cultura e o processo de tradução? Conseguimos encontrar conceituações na teoria do relativismo clássico que podem nos ajudar na prática tradutória? A tentativa de responder a essas perguntas é o nosso propósito neste artigo: não discutir a(s) teoria(s) da tradução em si, mas realizarmos um percurso teórico com relação ao relativismo lingüístico (ou a hipótese Sapir-Whorf) – desde seu gérmen na filosofia de Herder e Humboldt até sua consolidação pelas mãos de Benjamin Lee Whorf – buscando encontrar lastros que podem nos auxiliar com relação à prática de tradução entre duas línguas diferentes¹.

Para tanto, explicitamos nomes e teorias dos precursores do relativismo lingüístico, passando por Herder, Humboldt, Boas, Sapir até o afamado (mas também muito criticado) linguista Benjamin Lee Whorf. Salientamos ainda que buscaremos demonstrar não somente o percurso histórico das ideias, mas também realizarmos, como já informado, as devidas relações e inferências que poderão auxiliar

¹ Conforme Jakobson (*apud* VENUTI, 2000, p. 114), a tradução se divide em três categorias: a intralingual (quando se interpreta signos verbais utilizando signos de uma mesma língua), a interlingual (interpreta-se signos verbais por meio de outra língua) e a intersemiótica (também conhecida como transmutação, que é a interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais). Para este trabalho, quando nos remetermos ao termo “tradução”, estaremos fazendo referência ao que o pesquisador romeno classificou como interlingual.

aqueles que se interessem e se dediquem à tradução interlingual de textos.

Princípios do relativismo linguístico

A teoria da relatividade linguística teve sua solidificação na antropologia linguística a partir dos pressupostos lançados por Sapir e Whorf. Contudo, suas origens, segundo Díaz Rojo (2004), remetem-se à filosofia romântica de Herder, o qual influencia, posteriormente, as ideias de Humboldt. Numa linha sucessória, Franz Boas, discípulo humboldtiano, leva as ideias do mestre para o ambiente acadêmico norte-americano e é neste contexto que Sapir e Whorf, embora não conjuntamente, estabelecem os princípios para a hipótese do relativismo linguístico. Vejamos nos tópicos que se seguem como ocorreu o percurso teórico desse paradigma epistemológico.

Johann Gottfried Herder

O germânico Johan Gottfried Herder inscreve-se na filosofia romântica da Alemanha. Está inserido num período no qual a relação entre língua e cultura influenciada por implicações ideológicas, políticas e sociais estiveram presentes em grande parte dos debates científicos. Nada muito estranho, pois Herder e Humboldt estavam imbuídos de uma atmosfera que buscava o *Zeigert*² (ou o espírito da época). Para Díaz Rojo (2004), tal busca foi um dos fatores responsáveis pelo surgimento e desenvolvimento do movimento do nacionalismo político-linguístico, que esteve presente no decorrer do século XIX.

Com relação à língua e a sua aparente relatividade, Herder defende que a linguagem estabelece com o pensamento uma relação de dependência mútua e, por isso, cada língua estaria demarcada por uma individualidade espiritual a qual não se era possível reduzir. Acreditava que haveria um vínculo entre a língua e o pensamento de um povo ou de uma nação.

² Para Goethe, o termo *Zeigert* refere-se a um “conjunto de opiniões que dominam um momento específico da história e que, sem nosso saber, ou inconscientemente, formam o pensamento de todos os que vivem em seu contexto” (GOETHE apud Brozek & Guerra, 2008, p. 10).

Para o referido filósofo, embora cada língua possuísse uma individualidade anímica e pudesse carecer de palavras equivalentes em outros idiomas, à tradução não se tratava de um ato impossível de se realizar. Nesse sentido, atribui-se a Herder o título de fundador da doutrina da tradução vista como *Versetzung*, isto é, quando há o deslocamento do leitor em direção à língua e a cultura de partida (SELIGMAN-SILVA, 1999, p. 155). Contudo, isso deve ocorrer como uma preocupação de trazer, por meio da tradução, para a língua materna não só os elementos (poéticos, por exemplo) de uma língua da qual se traduz, mas também como uma forma para que haja um retorno da nação para si mesma. Em outras palavras, não se trata só de traduzir Homero e sua linguagem poética, mas também empenhar-se, no momento da tradução, para que haja uma volta, uma valorização do espírito nacional (no caso de Herder, o espírito alemão). Nesse contexto, portanto, “o seu conceito de tradução funda-se numa concepção metafísica do Ser da ‘nação’ e dos ‘povos’ [...] A intenção da sua propagação da tradução é o encontro do autêntico caráter nacional [...]” (SELIGMAN-SILVA, 1999, p. 163). É notória a preocupação desse estudioso em alinhar o estudo da tradução ao da linguagem, da cultura, do pensamento, abarcando o caráter metafísico do espírito de uma nação.

Humboldt

Como se pode perceber, a preocupação em se relacionar a língua com a cultura já acontecia antes mesmos dos pressupostos de Willhem von Humboldt. Contudo, para Marques (2014), atribui-se a ele o mérito de ser o primeiro filósofo que pesquisou sobre fatores referentes à diversidade linguística, contrapondo-os a uma perspectiva relativista da língua.

Nesse contexto, Humboldt condena a visão tradicionalista da linguagem que a classifica como um mero instrumento, estando, a partir desse posicionamento, a serviço da mente humana. Para ele, a linguagem é um elemento que constitui o pensamento e o conhecimento do homem, além de responsabilizar-se pela criação de novas representações. A linguagem, portanto, apresenta-se tanto como um órgão formativo do pensamento, como algo uno e inseparável desse último (SEGATTO apud MARQUES, 2014, p. 6).

Com relação à diversidade linguística, Humboldt a explicava por meio da individualidade mental existente em cada nação. Em outras palavras, a grande quantidade de línguas existentes no planeta ocorre graças à existência das variadas sociedades e de seus indivíduos. Para ele, portanto, há uma forte relação entre a linguagem, pensamento e cultura. O estudo comparativo entre as línguas, por sua vez, é um propósito válido, haja vista que essa atividade é um dos meios claros de se demonstrar a forte relação e interdependência entre aqueles três elementos já citados anteriormente, isto é, a linguagem, o pensamento e a cultura.

Nesse sentido, Humboldt instaura, com o decorrer de sua pesquisa, formalmente nos estudos filosóficos, a ideia da linguagem como *Weltanschauung* – a linguagem como uma cosmovisão, isto é, no interior de cada língua encontra-se toda uma visão de mundo pertencente aos seus falantes. Essa cosmovisão, portanto, justificaria as diferenças no momento da interpretação, haja vista que cada indivíduo possui uma ideia referente ao mundo, o qual, por sua vez, trata-se de um produto da língua e do meio em que está inserido.

Tais postulados de Humboldt permitiram que se abrissem, pelo menos, três diferentes caminhos, ou seja, o estudo:

[...] no sentido de um aprofundamento das noções de significado, de visão de mundo e de civilização e, ainda, da linguística moderna, possibilitando uma nova concepção do léxico que, então, deixa de ser considerado como um simples inventário de palavras, fazendo surgir a noção de campo semântico [...] E é exatamente esse conceito de campo semântico que é de interesse para a teoria da tradução, porque é um guia valioso nas escolhas que deverão ser feitas ao transpor o texto original para a língua alvo (MULLER, 2007, p. 64).

Desse modo, torna-se notório que Humboldt exerceu importante influência tanto em alguns conceitos da linguística moderna, como, de um modo mais particular, para o relativismo linguístico e os estudos em tradução.

Franz Boas

Justamente entre o período de transição do século XIX para o XX, houve a introdução do método científico nos estudos da

Antropologia e da Etnografia. Ocorreu também, nesse intervalo de tempo, a denominação de uma ramificação daquela primeira ciência, isto é, reconhecia-se, a partir desse momento, uma “antropologia cultural”. O mentor responsável por esses referidos avanços nos estudos antropológicos materializa-se no pesquisador tauto-americano Franz Boas, a quem dedicaremos um espaço para demonstrar sua importância no ambiente acadêmico referente à cultura e à língua e, no enfoque deste trabalho, relacionado à tradução.

Ao ir em direção contrária do que pregavam alguns estruturalistas (como Levy Strauss, por exemplo), Boas refutava a consideração de que as diversas culturas possuíam traços de semelhanças e de convergências, por causa da presença de estruturas comuns na mente dos humanos. Essa recusa explica-se porque, caso nos fundamentemos nela, abriremos caminhos para se considerar graus de desenvolvimento ou atraso entre as sociedades, já que os homens passaram pelas mesmas etapas em sua história evolucionista. Em outras palavras, se toda a humanidade percorreu essa escala evolutiva, o que poderia causar “progresso” ou “retrocesso” nas sociedades são justamente as estruturas comuns (ou não) presentes em seus pensamentos. Para Castro (2012, p. 23), Boas, a partir desse posicionamento adverso, parte para (e instaura) o conceito de relativismo cultural, que se caracteriza como um instrumento metodológico e apreciativo direcionado aos estudos de determinados grupos sociais, partindo-se da observação das manifestações culturais expressas por eles.

Duranti (2000, p. 87), por sua vez, acredita que um fator importante ressaltado por Boas com relação ao relativismo cultural refere-se à consideração de que “[...] cada cultura debía entenderse dentro de sus propios términos, en vez de como parte de un plan magistral con escalafones intelectuales o morales cuyos estratos superiores solían ocuparlos aquellos que tenían linaje europeo”.

Por meio do seu método, Boas deixa clara a existência da diversidade cultural, bem como a articulação dos elementos pertencentes a esse campo com as demais circunstâncias da sociedade inseridas em seus próprios contextos. Tal posicionamento do relativismo cultural influía também nos estudos de linguagens, haja vista que, para Boas, haveria uma íntima ligação entre a linguagem e a cultura. Como salienta Duranti (2000), para o referido antropólogo,

não é possível compreender o que de fato seja a cultura sem ter acesso direto aos estudos concernentes à linguagem.

Para Franz Boas, ao estudarmos uma língua, estaríamos em um campo em que seria possível investigar também a própria vida mental expressa por meio da linguagem. Linguagem e pensamento estariam, portanto, inter-relacionados.

Boas percebe, em seus estudos, que as línguas podem adquirir uma característica de algo automático e inconsciente, e ela classifica as experiências conforme princípios diversificados. Quando comparamos uma língua com outras, por exemplo, podemos notar claramente, em análises mais apuradas, as várias formas de classificação de experiências existentes entre elas. Baseado nessas afirmações, parece-nos óbvio que num processo de tradução de uma língua a outra, devemos considerar não somente o linguístico, mas também toda a carga de classificação de experiências e de cultura que estão concatenadas aos idiomas envolvidos.

Edward Sapir

Edward Sapir, discípulo de Boas e mestre de Whorf, é considerado um dos mais famosos pesquisadores da área de Antropologia Linguística. Embora haja partido de muitos pontos deixados por Franz Boas, Sapir conseguiu ir mais adiante, no que se refere aos estudos linguísticos. Além disso, ainda que seu nome seja mais facilmente reconhecido ao estar ao lado do nome de Benjamin Lee Whorf, na denominada hipótese Sapir-Whorf, a qual explanaremos melhor posteriormente, podemos afirmar que ambos realizaram, praticamente, seus trabalhos de forma separada. Cabe salientar, no entanto, que as pesquisas deste são heranças, em grande parte, das considerações daquele.

Com relação à teoria Boasiana, Sapir se aproveita do conceito de que cada língua classifica, de uma forma própria, as mais variadas experiências. Contudo, transcende esse ponto de vista ao acrescentar que por detrás de tal classificação há todo um sistema linguístico completo constituído, além de considerar que a língua possui um caráter social (a qual deve ser aceita por uma comunidade como identidade) e defender o caráter incomensurável dela, isto é, a

realidade criada por meio dos sistemas linguísticos não pode ser, segundo essa teoria, medida ou avaliada.

Explanemos um pouco sobre a característica da língua como sistema constituído, conforme vislumbrou Edward Sapir. Para tal estudioso, todas as línguas são detentoras de uma estrutura interior na qual seus processos psíquicos atuam de forma inconsciente. Para ilustrar esse conceito, se escolhermos aleatoriamente um adjetivo da língua portuguesa (*produtivo*, por exemplo) e lhe acrescentarmos um prefixo que expresse negatividade (*in-*, por exemplo, tornando-se *improdutivo*), veremos que a introdução dessa estrutura linguística ao radical acarretará uma mudança em sua forma, mas, ao mesmo tempo, estará imbuída de uma função, isto é, lhe trará um valor de negação a esse mesmo radical. Logo, com o acréscimo do prefixo, há uma mudança na estrutura interior da palavra (na forma) que passa a ter também um processo funcional.

Ainda sobre a formalidade, consideramos que a língua, por ser possuidora dessa característica, permite ao indivíduo que a use ter a capacidade de expressar a ideia que deseje, haja vista ser essa um sistema completo (calcamos-nos, neste momento, na teoria de que toda língua possui uma plenitude formal).

A partir deste momento, estamos nos aproximando mais do cerne do relativismo linguístico de Sapir. Segundo o pesquisador, o fato de a língua estar dotada de uma plenitude formal não tem relação com a riqueza ou pobreza de vocabulário que esse sistema possa desfrutar. Se uma dada língua não possui determinado conceito é porque seus usuários não o necessitam. Contudo, caso haja a necessidade de sua existência, os falantes poderão empregar expressões funcionais que serão equivalentes à ideia que desejam transmitir ou utilizar o mecanismo de empréstimo linguístico.

Embora haja clara influência de Boas na teoria de Sapir sobre a relatividade, este, diferentemente do primeiro, foi quem sugeriu que a linguagem influencia a cultura ou as representações do mundo. As experiências do mundo, portanto, estão associadas aos hábitos linguísticos de seus falantes. Por ser possuidora de uma estrutura própria, a língua, por meio dessa constituição, constrói a realidade: trata-se de uma ferramenta simbólica que é capaz de interpretar a experiência e produzir uma elaboração da realidade. Sapir também identificou a existência da influência da linguagem sobre o

pensamento. A partir desse posicionamento, Marques (2014) salienta que, ainda que o referido estudioso reconhecesse tal influência, não a investigou profundamente, porém deu bases para que o relativismo continuasse a ser desenvolvido e explorado.

Com relação à questão do caráter incomensurável da língua, Cunha (2011, p. 4-5) acredita que:

[...] do modo como muitos interpretam esta hipótese, se, de fato, a realidade construída pelos sistemas linguísticos é incomensurável, o exercício de tradução é impossível. Sabemos que, embora haja muitas dificuldades na realização desta prática, diversos textos são traduzidos diariamente, nas mais distintas partes do mundo. E falantes bilíngues não sofrem de nenhuma patologia, tal como uma forma de “esquizofrenia linguística”, por serem forçados a se posicionar em realidades distintas, dependendo do código que utilizam.

O pesquisador reitera ainda que Sapir, à parte de considerar a língua como parte integrante de uma realidade social, não demonstra nenhuma posição que seja contra a impossibilidade da prática da tradução, devido à marca de incomensurabilidade dos sistemas linguísticos, como alguns estudiosos podem apontar.

Como se pôde perceber, para Edward Sapir, a linguagem se trata de uma guia para realidade social. Afirmar isso é considerar que o mundo objetivo não é dado aos falantes de modo prévio, mas é construído por meio de cada língua de forma diferenciada, isto é, cada língua constrói o mundo de modo específico, ao perceber e organizar a realidade que lhe é apresentada. A partir desse postulado e (aproximamos ao processo de tradução que pode ocorrer entre diferentes línguas), Sapir acreditava que os variados idiomas poderiam carecer de certas palavras para designar alguns conceitos. Entretanto, como afirmado em outro momento, isso não lhe atribui uma característica de pobreza ou riqueza, pois essa falta pode representar simplesmente que seus falantes não encontraram necessidade para dar nomes a esses conceitos ou não tiveram interesse em lexicalizá-los. O tradutor, portanto, deve atentar-se a esse fator e lançar mão de recursos para que se aproxime ao máximo do conceito existente na língua fonte ao passar para o correspondente da língua alvo. Como exemplificação dessa carência de palavras em determinados idiomas, podemos

rememorar a análise sobre os esquimós realizada por Sapir, quem observou o conceito de causa na língua desses falantes e notou que:

[...] dicha lengua carece de una palabra para dicha noción, pero descubrió que el concepto de causación existe en el pensamiento de los esquimales. Podemos descubrirlo en recursos morfológicos o sintácticos para expresar la idea de que algo provoca un efecto, tales como la formación de palabras abstractas a partir de un verbo (hablar > habla) o la construcción de oraciones como el fuego derretió el hielo. Esto nos conduce a afirmar que la inexistencia de una palabra para designar un concepto en una lengua no implica que necesariamente en la cultura de sus hablantes no sea relevante dicho concepto [...]” (DÍAZ ROJO, 2004, p. 21).

O tradutor, portanto, em sua práxis, deve estar atento a todo esse processo, pois a busca de correspondentes em outro idioma estará, de certo modo, atrelado a esses pontos atestados por Sapir.

Benjamin Lee Whorf

Whorf – quem foi engenheiro químico, agente de seguros e linguista – é considerado o pai da hipótese do Relativismo Linguístico (ou hipótese Sapir-Whorf). Como explicitado em outro momento, foi discípulo de Edward Sapir e partiu de muitos conceitos elaborados por esse teórico, mas não escreveu conjuntamente tal hipótese com ele. A proposição principal que a fundamenta é a de que “a língua é responsável por determinar formas distintas de compreender, analisar e agir no mundo” (MARQUES, 2014, p. 5). Em outras palavras, a língua possui estruturas que podem influenciar a maneira pela qual construímos a realidade e como nos comportamos com relação a esta. Logo, assim como afirma Marques (2014), esse postulado acredita que a língua possa exercer um papel altamente ativo nas formas do pensamento humano. Cabe salientar, no entanto, que a referida hipótese, principalmente em sua forma mais radical, elaborada por Whorf, veio e ainda vem recebendo vários tipos de críticas. Por isso, apresentaremos, neste trabalho, para não fugir do objetivo inicial, somente alguns pontos desta teoria que julgamos interessantes para aqueles que se dedicam à práxis da tradução, haja vista que desvencilhar cultura da língua é algo incabível nos estudos de tradução

atuais. Um tradutor, portanto, deve estar atento a esses posicionamentos que iremos apontar.

O relativismo linguístico clássico, isto é, o sapir-whorfiano, defendia que as estruturas gramaticais e léxicas presentes em cada língua refletem uma teoria da estrutura do universo e uma das funções das análises linguísticas, portanto, seria descrever essas cosmovisões³. Ao analisarmos de modos sistemáticos essas línguas e ao as compararmos, conseguimos identificar categorias, as quais Whorf denomina de abertas (*overt* ou *fenótipos*) e de encobertas (*coverts* ou *criptotipos*). Para as categorias abertas – que são aquelas que possuem marcadores formais evidentes – como exemplo em Língua Portuguesa, podemos apresentar a marca de plural (morfema –s) e a desinência de gênero (o morfema –a, em *gata*, por exemplo). Já para as encobertas – aquelas que não possuem um elemento em nível de morfema, lexema ou de sintaxe evidente – podemos indicar a ordem canônica (ainda que possa ocorrer de outras maneiras) do sujeito e seu predicado (*O gato já comeu*) ou do determinante que antecede o sintagma nominal (*o gato* e não *gato o*): assumimos, pois, inconscientemente, essas regras quando estamos falando, as quais estão, portanto, subjacentes.

Cabe-nos, neste contexto, concordar com Marques (2014, p.15), quem acredita que “todas as línguas possuem essas categorias, e através delas é possível comparar línguas e verificar as diferenças, de modo a determinar de que forma uma comunidade linguística influencia a visão de mundo dos seus respectivos falantes”. Desvencilhar, portanto, a língua e a cultura, num processo tradutório é, sem dúvida, algo inviável e impraticável. Além disso, outro fator importante que pode implicar em processos de tradução, é o de que, para Whorf, não haveria imparcialidade quando o falante se propõe a descrever os elementos presentes na natureza, ou seja, quando utiliza a língua, essa o obrigaria a realizar determinadas formas de interpretação. Ainda que fosse necessário, os indivíduos não conseguiriam transpor os limites que as línguas lhes impõem, haja vista que cada uma assume pontos de vistas diferentes e não possuímos

³ “A cosmovisão é um conjunto de representações mentais compartilhadas por um grupo social que pretende explicar a totalidade do universo, isto é, toda a realidade social e natural. Em seus conteúdos, é mais ampla que a ideologia, pois suas proposições abarcam não só a realidade social do homem, mas também o universo físico” (DÍAZ ROJO, 2004, p. 4, tradução nossa).

a consciência dessa organização (MARQUES, 2014, p. 17). Logo, embora muitas das vezes se busque o máximo da neutralidade por parte de quem traduz, uma tradução em que não haja um mínimo de influência do ponto de vista do tradutor é praticamente impossível, pois são culturas, pensamentos e falantes distintos – a língua, o pensamento e a cultura estão, em menor ou maior grau, interligados.

Considerações finais

Tentamos demonstrar, embora brevemente, qual a relação entre alguns pontos do relativismo linguístico – em especial as conexões entre linguagem, pensamento e cultura – desde o germinar dessa teoria até chegarmos à versão mais determinista de Whorf – com algumas considerações que julgamos interessantes àqueles que se dedicam à prática de tradução interlingual, tais como o conceito de tradução numa concepção metafísica do ser de uma nação e de seus povos (em Herder), a introdução da noção de linguagem como cosmovisão (por Humboldt), a discussão sobre o relativismo cultural (Boas), a consideração da linguagem como um guia da realidade social (Sapir) e, principalmente, a ênfase na consideração de linguagem, cultura e pensamento estarem atrelados (Whorf).

Esperamos que os questionamentos aqui trazidos e as relações estabelecidas possam ser mais uma via de discussão aos que se dedicam aos estudos e a prática de tradução.

Referências Bibliográficas

BROZEK, Josef; GUERRA, Erlaine. Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brozek [Versão eletrônica]. In: R. H. FREITAS (Org.). **História da psicologia**: Pesquisa, formação e ensino. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 4-20. Disponível em: <<http://www.bvce.org/LivrosBrasileirosDetalhes.asp?IdRegistro=50>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

CASTRO, Márcia Marques Marinho. Cultura, Identidade e o Debate Relativismo Cultural x Direitos Humanos nas Relações Internacionais Perspectivas Dialógicas após a Conferência de Viena de 1993.

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos. Fórum dos Alunos do IESP, 2012.

CUNHA, Adan. Phelipe. Contrastando Sapir (d) e Whorf na 'Hipótese Sapir-Whorf'. **Anais do SETA**, v. 5, 2011.

DÍAZ ROJO, José Antonio. Lengua, cosmovisión y mentalidad nacional. **Revista Electrónica de estudios filológicos** n. 7, 2004.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

MARQUES, Veruska Paioli do Nascimento *et al.* **Relativismo linguístico revisitado**: como categorias numéricas podem influenciar a representação do mundo. 2014. Dissertação (Mestrado) – ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

MÜLLER, Monika. **Aus dem Leben eines Taugenichts**. Novela de Joseph von Eichendorff: uma tradução comentada. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcia. Globalização, tradução e memória. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 4, p. 151-166, 1999.

VENUTI, Lawrence. (Ed.). **The translation studies reader**. London: Routledge, 2000.

Recebido em: 11/04/2015

Aceito em: 20/05/2017